HOSPITAL DE CLÍNICAS PORTO ALEGRE RS

CLINICAL & BIOMEDICAL RESEARCH

Faculdade de Medicina 1898

REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Volume 45, Supl. – setembro 2025



Anais

ENFERMAGEM - GESTÃO EM SAÚDE E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

1451

RESILIÊNCIA ENTRE TRABALHADORES DE ENFERMAGEM: UM ESTUDO DE COORTE MULTICÊNTRICO

LAURA BETINA LUCCA DA SILVA; JULIANA PETRI TAVARES; LUCIANA OLINO; DAIANE DAL PAI; MIGUEL LUCAS SILVA DA PAIXÃO

UFRGS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Introdução: Durante o período da pandemia de Covid-19, os profissionais de enfermagem foram forçados a se adaptar a uma nova realidade de trabalho, expondo ao aumento sofrimento psíquico1. Nesse contexto, a resiliência entendida como a capacidade de superar adversidades e adaptar-se às mudanças mostrou-se essencial para amenizar a exaustão emocional e enfrentar as dificuldades impostas pela profissão naquele momento2. Em 2022, após a vacinação de grande parte da população, as instituições hospitalares puderam retomar os fluxos de trabalhos, resultando em uma nova readaptação da equipe de enfermagem, gerando um novo impacto na resiliência desses profissionais3. Objetivo: Analisar os fatores que influenciaram a resiliência no trabalho em trabalhadores de enfermagem que atuaram em área hospitalar durante e após a pandemia da COVID-19. Método: Estudo de Coorte multicêntrico, realizado em quatro hospitais do Sul do Brasil. com 163 profissionais de enfermagem, durante e após a pandemia. Para coleta dos dados, utilizou-se um formulário eletrônico, composto por questões sociodemográficas, laborais e de saúde, além da RAW Scale Brasil-25. Aplicaram-se testes de Mann-Whitney, Qui-Quadrado e Regressão Linear. Projeto aprovado pelo Comitê Nacional de Ética em Pesquisa. CAAE: 33105820.2.0000.0008. Resultados: Participaram do estudo 163 profissionais, com predominância do sexo feminino (n=139; 85%), raça/cor branca (n=130; 79,8%). Mediana de idade de 43 anos (39-49) no período 1 - durante a pandemia - e de 44 (39-48) anos no período 2 - após a pandemia. Quanto as variáveis laborais, 57,7% (n=94) eram enfermeiros e 42,3% (n=69) técnicos de enfermagem. No que tange a resiliência no trabalho, no período 1, foi de 73,3 ±11,1, desses, 125 (76,7%) apresentaram alta resiliência e 38 (23,3%) baixa resiliência no trabalho. Já no período 2, o valor médio foi de 72,9 ±11,2, destes, 122 (74,8%) demonstraram alta resiliência enquanto 41 (25,2%) baixa resiliência no trabalho. Conclusões: A média de resiliência foi, de forma discreta, maior durante a pandemia do que após, porém são diferentes os fatores individuais e do trabalho que influenciaram nessas pontuações a respeito da resiliência.